

A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS DO CONTINENTE AFRICANO NAS CAPAS DA *NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE*

Maitê Pereira da Silva¹, Ana Paula Nunes Chaves³

¹ Vinculado ao projeto “A racionalidade pedagógica nas páginas da National Geographic”

² Acadêmica do Curso de Geografia – FAED – Bolsista PROBIC

³ Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – ana.chaves@udesc.br

O trabalho busca identificar e analisar as narrativas visuais associadas ao continente africano nas capas da revista *National Geographic*, com o objetivo de compreender quais imaginações geográficas, acerca do continente, são produzidas e divulgadas pela revista, assim como o importante papel da revista na construção de determinada cultura visual. Dessa maneira, foi realizada uma minuciosa investigação no acervo virtual da revista, de 1940 a 2021. A investigação foi dividida em três partes, sendo elas: 1) Levantamento geral das capas entre o período estabelecido (1940-2021); 2) Seleção das capas que tratavam sobre o continente africano em fotografias e contextos linguísticos, tendo sido identificadas 57 capas no total; 3) Criação de três categorias para análise das 57 capas que faziam menção à África.

Em 1888 ocorreu a primeira publicação da revista *National Geographic*, através da *National Geographic Society*, uma das maiores organizações educacionais e científicas do mundo. Contudo, em seus primeiros exemplares, a revista não utilizava fotografias e ilustrações em suas capas, o que passou a ocorrer, apenas, a partir de meados dos 1940. Nos dias atuais, a revista é uma das maiores referências mundiais de fotojornalismo e suas capas são estampadas por icônicas imagens fotográficas. Devido ao seu amplo alcance, as imagens propagadas nas capas da revista nos educam acerca de determinada cultura visual e contribuem para a construção de narrativas e imaginários geográficos sobre paisagens e culturas ao redor do mundo. Assim, partimos do pressuposto que as imagens nas capas da revista, além de nos educarem visualmente sobre as geografias dos diferentes continentes, corroboram na criação e propagação de imaginários geográficos.

A cultura visual é um importante campo de estudo na área da ciência geográfica, por se tratar de um campo que colabora na criação e na propagação de imaginários geográficos (Massey, 2017). As imagens se tornam cada vez mais presentes em nossas vidas e passam a ser integrantes de nossas experiências em relação ao mundo. Podemos encontrá-las nos mais variados meios de comunicação, formais ou informais, como os jornais, revistas, mídias sociais, livros didáticos, entre outras. A crescente presença das imagens nesses meios, e em nosso cotidiano, faz-se um importante propagador de cultura visual que auxilia na criação de imaginários geográficos que permeiam nossas mentes. Chaves (2020), ao investigar fotografias em livros didáticos, salienta que as imagens não são neutras, carregam em si discursos, conceitos e suposições que, juntamente com nossa mente repleta de interpretações do mundo, são capazes de nos educar visualmente. A reflexão que fazemos sobre a potência das imagens na educação de nossa mirada deriva dos estudos do autor Didi-Hubermann (2012, p. 209), quando afirma que “Nunca a

imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político e histórico”.

Contudo, as imagens não falam por si só, mas, sim, em relação a outras imagens, ao entorno linguístico que a acompanha e ao veículo de divulgação em que está inserida. Conforme o itinerário metodológico proposto por Verónica Hollman (2014), devemos levar em conta três dimensões analíticas para organizar os estudos acerca das imagens, sendo estas: a) suporte, ao se referir à materialidade de onde a imagem é divulgada; b) entorno linguístico, ao considerar elementos como títulos e legendas que compõem determinada imagem; c) composição: referente à forma como estes elementos interagem e se organizam, causando justaposições, visibilidades e invisibilidades, interrupções, vazios e hierarquias. Dessa forma, ao analisar a imagem e seu contexto, é possível compreender os discursos visuais que estas carregam e as imaginações geográficas e efeitos visuais que estas podem construir.

A partir deste referencial teórico brevemente anunciado, partimos para a identificação e interpretação das 57 capas relacionadas ao continente africano. Analisamos os dados em três categorias. Na primeira categoria, intitulada Egito Antigo, percebemos que as capas destacam o país e todas elas o relacionam ao passado da civilização. Temos capas com imagens, em sua maioria, de faraós masculinos. Há, também, uma capa que representa uma faraó mulher, além de imagens de pirâmides, estátuas, pinturas e máscaras mortuárias. Foram identificadas outras imagens nas capas, como animais mumificados e o Vale do Rio Nilo.

Em relação à segunda categoria, intitulada Vida Selvagem e Espaços Naturais, percebemos uma diversidade na representação dos animais e espaços que os abrigam. As capas trazem animais como macacos, flamingos, lêmures, águia, elefantes, hienas, chiitas etc. Já os espaços naturais se tratam de parque nacionais, rios e safaris.

Na terceira e última categoria, intitulada Povos e Culturas, notamos a presença de capas que representam aspectos culturais do continente, como fotografias de diferentes povos. O feminino possui um destaque considerável nas capas, as mulheres negras são representadas através de imagens chamativas que representam seus torsos com adornos, em sua maioria dourados, em seus pescoços, orelhas e cabeças.

Em nossa conclusão da pesquisa, notamos que o continente africano nas capas da revista *National Geographic* se encontra distante dos estereótipos negativos comumente relacionados a ele, como as mazelas sociais, doenças, problemas socioeconômicos etc. As capas analisadas estão relacionadas a outras temáticas do continente, como o Egito Antigo, a vida selvagem, os espaços naturais, seus povos e culturas. No entanto, ainda que as capas não tenham os estereótipos negativos comumente conhecidos, é criada uma narrativa visual e discursiva acerca do continente, pois as capas o retratam como um lugar preso ao passado, ao fazer menção exclusiva ao passado da civilização egípcia, ou uma região repleta de animais e espaços naturais que precisam de proteção. É deixado de lado a África da contemporaneidade, a diversidade cultural, as conquistas sociais e diversas outras temáticas que poderiam ser utilizadas para abordar o continente.

Com isso, podemos dizer que a revista *National Geographic* é um importante recurso imagético para a construção e propagação de imaginários geográficos acerca de África, que podem educar nosso olhar por meio dos recursos visuais e linguísticos presentes em suas capas.

Palavras-chave: Geografia. África. Imagens de África. Educação e Imagens. Cultura Visual.

Referências

CHAVES, Ana Paula Nunes. Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos. *Revista Unisinos*, São Leopoldo, v. 24, p. 1-12, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 206–219, 2012.

HOLLMAN, Verónica. Los contextos de las imágenes: un itinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, nº 36, p. 61-83, Jul/Dez. 2014.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017.